MESTRAS DA FEIRA: COTIDIANOS E OBSTÁCULOS

Ana Nathália Netto Brito da Silva¹; Irlana Jane Menos da Silva²

1. Bolsista PIBIC/Fapesb, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ananathalia.nbs@hotmail.com
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: irlanamenas@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Educadoras. Desafios. Profissão.

INTRODUÇÃO

A presente investigação procurou analisar o papel da mulher e normalista no século XX. Tendo em vista todas as imposições que a sociedade da época determinava e, somado a isto, as condições de trabalho, pode-se afirmar que não foi uma tarefa fácil. Levando em consideração estes aspectos, inspirada nas noções de representações sociais de Roger Chartier, juntamente com o trabalho de Antonio Roberto Seixas Cruz intitulado “Mestras do sertão: reconstruindo caminhos percorridos”, a presente pesquisa buscou rememorar o cotidiano das normalistas no exercício da profissão e os desafios que tiveram ao longo das suas caminhadas. Antes de tratar das normalistas em si, é necessário saber qual o contexto social que elas estavam inseridas, ou seja, uma cidade sertaneja no século XX chamada de Feira de Santana. Feira de Santana surge a partir das andanças dos comerciantes que faziam seu percurso entre o interior e a capital, no século XVIII. Muitos paravam para descansar e acabavam ficando na região. Assim foi surgindo o povoado, que logo depois cresceu e se tornou uma vila. Feira de Santana em todo o tempo teve a característica de ser essencialmente rural, de ter em seu berço as tradições relacionadas aos vaqueiros e sertanejos.

Além disso, a urbe se tornou um grande e importante centro comercial no interior, fazendo ligação com diversas cidades vizinhas. Dessa forma, a ideia de modernidade e progresso fez com que ao longo do tempo esse cenário de uma cidade “do interior”, ligada as tradições sertanejas e, conseqüentemente, “atrasada” fosse transformado. Feira passou por diversas mudanças e uma delas foi a implantação da Escola Normal em 1927. Assim, a cidade se tornou um pólo comercial e, dessa forma as pessoas se dirigiam a ela com “o intuito de buscar os serviços educacionais inexistentes em seus municípios e em vista da dificuldade do acesso à capital” (CRUZ, 2012, p. 52). Dessa forma, em 14 de agosto de 1925 a Escola Normal foi criada pelo então governador da época, Francisco Marques de Góes Calmon, porém só teve sua inauguração em 1º de Junho de 1927. Além do prédio central, ainda possuía um anexo que era onde as professoras que estavam em formação faziam o que hoje denominamos de estágio, que eram práticas pedagógicas vivenciadas nos contextos da sala de aula da Escola Anexa à Escola Normal de Feira de Santana.

Tendo em vista todo este cenário, temos então a figura da normalista. Afinal, quem era a normalista? A mulher possuía um lugar social previamente estabelecido, o de ser mãe, cuidadora do lar. Quando passam a exercer a profissão do magistério, esse discurso vem como forma de potencializar outro discurso bastante visado: o da vocação para ser professora. E é dentro deste cenário que a pesquisa se desenvolveu, buscando através dos relatos das educadoras perceber quais os aspectos relevantes que estavam imbricados nos seus cotidianos e como elas lidavam e burlavam estas dificuldades para conseguir serem mães, mestras e esposas.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A presente pesquisa vinculou-se ao projeto EDUCADORAS BAIANAS: SABERES E EXPERIÊNCIAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, e, sendo assim, para a sua realização, foram utilizadas categorias metodológicas da

Nova História Cultural de Roger Chartier, sobretudo as noções de representações sociais. Para a coleta e produção dos dados, foram utilizadas as seguintes fontes:

1. Entrevistas com as educadoras;
2. Registros feitos em documentos do arquivo da Escola Normal de Feira de Santana (que se encontra aos cuidados do Instituto de Educação Gastão Guimarães).
3. Arquivos do Jornal Folha do Norte – do acervo do Museu da Casa do Sertão da UEFS e da Biblioteca Municipal de Feira de Santana;

Os sujeitos da pesquisa foram quatro professoras já falecidas - três nascidas em Feira de Santana e uma nascida em Castro Alves - mas quando da época da entrevista, na década de 1990, estavam vivas. As entrevistadas à época do relato, em 1998, uma tinha a idade de setenta e três anos, uma com a idade de oitenta e nove anos, uma com oitenta e um anos e uma com oitenta e dois anos. As educadoras tinham a formação uma no curso de pedagogia do curso normal, duas do curso normal e uma do curso de Letras. O estado civil das professoras eram três viúvas e uma casada. A partir das entrevistas foi possível identificar quais os pontos comuns que marcaram a trajetória destas mulheres e que contribuíram para enriquecer a presente pesquisa.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Na análise dos resultados obtidos pelas entrevistas com as quatro educadoras, conseguimos quatro categorias, dentre as quais destaco:

- As dificuldades enfrentadas no exercício da profissão

Podemos compreender que não era nada fácil ser mulher e normalista no século XX. Em relação às dificuldades apontadas pelas educadoras, temos que:

P1: Meninos que viviam do trabalho do campo e me ensinavam a plantar milho e feijão, não era a época de tratores, aquelas máquinas, não sabe? Portanto, que tanto prejudicavam os pobres que não podem comprar... Era com a enxada, eles saíam para o cultivo da terra primeiro e iam preparar a terra, depois preparar a semente, depois para a colheita. E eu os acompanhava, entende? Porque eu não ia ficar sozinha na sala de aula, para dar aula a quem? Se não tinha nenhum aluno, eles precisavam trabalhar e eu trabalhava com eles e aprendi a trabalhar com eles.

P2: Quando eu fui diretora, não tinha verba... Eu me lembro quando eu comecei [...], nós não recebíamos nada, não tinha ordenado, recebia onze e não sei o que é lá, o dinheiro daquele tempo, vamos dizer que fosse onze reais de hoje, para material de limpeza... a gente fazia aquilo com amor.

P3: Contou uma situação no cotidiano relacionado aos alunos, mas censurou. Pediu demissão com dois anos de carreira.

P4: Eram pessoas pobres, da roça... meninos bem humildes. Naquele tempo eu tinha vinte e dois meninos em sala de aula. Morava na fazenda mesmo, na escola. Existia a escola, era mesmo a minha casa... A sala da frente era que eu tinha... funcionava o colégio...

As entrevistadas afirmam que a questão socioeconômica dos alunos interferiam na educação. Muitos eram provenientes da zona rural, ou seja, trabalhavam com seus pais na lavoura para garantir o sustento da família P1. Então muitas professoras tinham que lidar com a falta destes alunos em tempos de colheita, por exemplo. E saber enfrentar essa situação exigia muita compreensão e afabilidade para com os pequenos P1 e P4. “[...] quando os educandos não podiam frequentar as aulas, elas os acompanhavam, na tentativa de evitar que eles se desmotivassem e abandonassem a escola.” (CRUZ, 2010, p. 209). Ligado a isso, temos a problemática do transporte. Como já foi citada anteriormente, muitas professoras trabalhavam no meio rural, nesse sentido, tinham que se desdobrar para conseguir chegar ao destino, visto que, nem todas residiam perto do local de trabalho. Então, podemos compreender que a distância foi mais um fator de dificuldade na vida destas mulheres.

Dentre as dificuldades, estavam presentes a falta de infraestrutura para poderem dar aula com dignidade. Tendo em vista que grande parte trabalhava na zona rural, podemos aferir quão pior era à situação destas últimas. Faltavam cadeiras, mesas, quadros, enfim... carecia o essencial. Porém, é interessante observar que muitas sabiam lidar e driblar com essas adversidades de formas criativas e com certa esperança louvável “a situação de improviso, [...], indica o quanto as professoras eram preparadas para barreiras com atitudes criativas e inteligentes [...]” (CRUZ, 2010, p. 208).

Resultados propostos: Almejou-se resgatar as memórias e os desafios enfrentados pelas educadoras que atuaram no período de 1935 a 1949. Pretendeu-se, também, contribuir para as discussões relacionadas ao papel da mulher na formação da História da Educação na Bahia, especificamente no contexto de Feira de Santana.

Resultados alcançados: Por meio das memórias resgatadas, foi possível perceber os elementos do cotidiano que, de alguma forma, contribuíram para a formação destas mulheres. A partir do que foi pesquisado, é possível aferir que estas educadoras formaram gerações de estudantes, mesmo com todas as dificuldades que existiam e com os impasses sociais, e, assim, contribuíram para o contexto educacional Feirense. Conforme o plano de trabalho a questão da fomentação em relação ao papel da mulher na formação da História da Educação na Bahia ainda está incipiente por conta das dificuldades enfrentadas para pensar e dimensionar esta questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Por meio das memórias resgatadas, foi possível perceber os elementos do cotidiano que, de alguma forma, contribuíram para a formação destas mulheres. A partir do que foi pesquisado, é possível aferir que estas educadoras formaram gerações de estudantes, mesmo com todas as dificuldades que existiam e com os impasses sociais, e, assim, contribuíram para o contexto educacional Feirense.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Mayra Paniago Spínola. **De normalistas a professoras: um estudo sobre trajetória profissional feminina em Feira de Santana 1950-1960**. 2011, 127p.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990.

CRUZ, Antonio Roberto Seixas. **Mestras do sertão: reconstruindo caminhos percorridos**. Salvador, 2000, p.: il. 195p.

CRUZ, Antônio Roberto Seixas da; RIBEIRO, Marinalva Lopes. Flores do Sertão: **Perfilando professoras formadas pela Escola Normal De Feira De Santana De 1930 A 1949**. Disponível em < http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/36/art14_36.pdf >.

CRUZ, Antonio Roberto Seixas. **Mestras do Sertão: a carreira docente de mulheres formadas pela Escola Normal de Feira de Santana**. In: MACHADO, C.J.S.; SANTIAGO, J.M.F.L.; NUNES, M.L.S. (orgs.). *Gênero e Práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Campina Grande: EDUEPB, 2010, p. 195-217.

PASSOS, Elizete Silva. **O feminismo de Henriqueta Martins Catharino**, Salvador: IFB, 1992.

PASSOS, Elizete Silva. **Palcos e platéias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher. 1999, 222p. il. – (Coleção Bahianas, 4).